

**EXPERIÊNCIAS EM MUSEUS
POSSUEM A CAPACIDADE
DE EVOCAR LEMBRANÇAS
EM UM PÚBLICO DE
TERCEIRA IDADE?**

EXPERIENCES IN MUSEUMS DO THEY
HAVE THE ABILITY TO EVOKE
MEMORIES IN AN ELDERLY AUDIENCE?

EXPERIENCIAS EN MUSEOS POSEEN LA
CAPACIDAD DE EVOCAR RECUERDOS
EN UN PÚBLICO DE TERCERA EDAD?

Ana Luiza Santos Tizzo¹
Daniela Franco Carvalho²

RESUMO

A beleza do envelhecer. Museus – corpos. O que o envelhecimento traz de bonito, é que idosos adquirem sua própria bagagem ao longo de toda a sua vivência. As experiências vividas, são guardadas em um museu peculiar, seu próprio corpo. É de grande importância transmitir toda a sabedoria e experiência adquirida, pois só assim teremos a arte do encontro. No entremeio dessas memórias, os museus se tornam instrumentos de evocação. Por meio de encontros e diálogos em um artefato museal, a casinha de pau-a-pique possibilitou, potencializou, despertou e provocou experiências e reflexões do ontem no hoje.

PALAVRAS-CHAVE: Idosos; Museus; Memórias.

¹ Graduada em Ciências Biológicas pela Universidade Federal de Uberlândia (licenciatura e bacharelado) com mestrado em Educação pela Universidade Federal de Uberlândia. E-mail: analuzatizzo@hotmail.com.

² Professora no Instituto de Biologia da Universidade Federal de Uberlândia, doutora em Educação, com produções no campo das mídias e relações da biologia com a arte contemporânea. E-mail: danielafrancoarvalho@gmail.com.

ABSTRACT

The beauty of getting old. Museums - bodies. What aging brings of beauty, is that the elderly acquire their own luggage throughout their experience. The lived experiences, are kept in a peculiar museum, its own body. It is of great importance to convey all the wisdom and experience gained, for only then will we have the art of encounter. In the midst of these memories, museums become instruments of evocation. By means of meetings and dialogues in a museum artifact, the small house made it possible to potentiate, awaken and provoke yesterday's experiences and reflections in today.

KEYWORDS: Seniors; museums; memoirs.

RESUMEN

La belleza del envejecimiento. Museos - cuerpos. Lo que el envejecimiento trae de bonito, es que los ancianos adquieren su propio equipaje a lo largo de toda su vivencia. Las experiencias vividas, se guardan en un museo peculiar, su propio cuerpo. Es de gran importancia transmitir toda la sabiduría y experiencia adquirida, pues sólo así tendremos el arte del encuentro. En el interior de esas memorias, los museos se convierten en instrumentos de evocación. Por medio de encuentros y diálogos en un artefacto museal, la casita de palo-a-pique posibilitó, potenció, despertó y provocó experiencias y reflexiones del ayer en el hoy.

PALABRAS CLAVE: Anciano; Museos; Memorias.

Recebido em: 06.03.2019. Aceito em: 12.06.2019. Publicado em: 01.08.2019.

Introdução

Quando pensamos em memórias, logo nos remetemos as várias instituições e museus, que são conhecidos por salvaguardar memórias que deixaram o nosso coletivo, para se tornarem algo único e singular. Esses “lugares de memórias” segundo o historiador francês Pierre Nora (1993, p. 7-28), possuem como principal objetivo a contemplação de suas vitrines, acervos, coleções e nada mais.

Hoje os museus passam por ressignificações. Metamorfoses de significados são criados e renovados a cada momento ou visita. Uma visita ao museu está deixando de ser uma mera contemplação e passando a ser algo que possa ser degustado, onde significados e impressões despertados em cada indivíduo se tornam apreciados. Contudo, esses “lugares de memórias” contam, conforme Gonçalves (2007, p. 27-28), com seus inúmeros objetos, que são produtores de significados, revelam algo sobre o nosso passado ou presente.

Mas e se os museus pudessem despertar algo para além dos objetos? Esses “lugares de memórias” podem criar experiências onde o visitante torna-se o protagonista e essa experiência fruto de uma rede de interações, onde objeto, visitante, significados e memórias se entrelacem e interajam, criando memórias coletivas, onde as pessoas possam atuar como agentes transformadores e parte do espaço. Para Nora (1993, p. 7-28) os “lugares de memórias” são apresentados em três aspectos: materiais, simbólicos e funcionais. Esses aspectos coexistem, e se encontram com a história, onde a interação desses fatores se torna algo recíproco. Apesar disso, hoje os “lugares de memórias” se fazem e se encontram

apenas como “lugares de história”, tendo a ausência de vontade dessas memórias, havendo a necessidade da real atuação dos “lugares de memórias”.

No Brasil, a grande parte dos museus tem como público alvo os escolares. Como afirma Köptcke (2002, p. 16-25) a relação entre escolas e espaços museais é antiga, e essa parceria é reafirmada todos os dias, se tornando uma relação complexa. Baseado nesses fatos, sabemos que a visita espontânea, que conta com um público diversificado acontece em sua maioria nos finais de semana. Aqui, observa-se que a frequência do público da terceira idade é bastante baixa. As atividades propostas e desenvolvidas nos museus, acabam por não envolver o idoso, deixando de abranger toda a diversidade de públicos que o museu atrai.

Nesse contexto, indagamos se essas experiências em museus possuem a capacidade de evocar lembranças em um público de terceira idade. Isso por que o envelhecimento muitas vezes é visto como um acontecimento indesejado e inevitável na vida de um adulto, por muitas vezes estar relacionado com a perda da “utilidade” que antes eles possuíam no mercado de trabalho ou até mesmo para a família. O significado da velhice e seus efeitos em cada um, varia muito do contexto sociocultural em que cada um se encontra (FERREIRA, 1999). Por mais que vários programas de atendimento aos idosos são criados constantemente (saúde, psicológico e acompanhamentos), o sentimento de rejeição pela sociedade ainda perdura.

Muitas vezes o processo de envelhecer como um processo em que o indivíduo perde suas aptas condições físicas, um momento de dependências, e não como um meio em que o indivíduo ganha experiência (PAPALÉU-NETTO, PONTE, 2002, p. 3-19). Cabe ao próprio indivíduo aprender a lidar com toda essa novidade, criando expectativas e curiosidades sobre a capacidade que essa nova

fase possui de proporcionar novas possibilidades, que ainda estão por vir (TEIXEIRA, NÉRO, 2006, p. 32-77).

O que o envelhecimento traz de bonito, é que idosos adquirem sua própria bagagem ao longo de todo o processo de crescimento e amadurecimento. As experiências vividas, são guardadas em um museu peculiar, seu próprio corpo. Ao idoso é remetido o papel de ser a memória da família e do seu grupo social, buscamos o papel de recordar e transmitir as experiências. As lembranças, na maior parte das vezes, são despertadas quando provocadas por outro, em situações nas quais o sujeito é chamado para contar um caso ou histórias de família. Para Bosi (1987, p. 17) “Na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado”.

Esse resgate da memória perpassa por inúmeros momentos vivenciados. O brincar com as bonecas de palha, o subir no mais alto pé de manga, o embelezar para hora do baile, os primeiros desafios como pais de famílias, o contar moedas para o pão e o zelar pelo outro, lembranças essas que possuem suas singularidades e suas necessidades de interlocutores. É de grande importância transmitir para a sociedade e para o idoso, toda a sabedoria e experiência adquirida, pois só assim teremos a arte do encontro do que já passou, com o que é atual.

Somente através da memória se pode atingir o passado, e este, não existindo como um antigo presente, só se torna possível enquanto produção no presente, resgatado pelo imemorial. Assim, é somente a partir de hoje que se pode falar sobre o passado, e é implicado no presente e comprometido com o futuro que se faz valer o passado –

um passado sempre a se refazer no presente (MAIRESSE; FONSECA, 2002, p. 114).

No entremeio dessas memórias, os museus podem se tornar instrumentos de evocação, trazer à tona essas lembranças que antes se encontravam soterradas pelo esquecimento, pela correria do dia a dia, ou até mesmo pela ausência de provocações. Um encontro, um compartilhar, podem ser o começo para que as lembranças ganhem novos contornos no presente? Ter um espaço para que as histórias e memórias possam se deparar uma com a outra é essencial. Um espaço que permite a arte do encontro geracional e o seu partilhar.

A memória autobiográfica dos idosos se torna muito valiosa quando pensamos na riqueza que elas possuem. Saudade é uma palavra que costumamos ouvir de nossos avós, saudade do tempo em que eram jovens, do tempo em que tinham aventuras. Essas riquezas e saudades se fazem no íntimo de cada um. Segundo Hannah Arendt (1972, p. 31) as palavras junto com os interlocutores são a única maneira concreta que os idosos possuem para transmitirem os seus legados. Essas palavras são revividas, lembradas e ressignificadas. Para o idoso ensinar o que sabe e trazer um novo sentido e significado para si mesmo. É a valorização do passado.

A ausência de estudos e de atividades no Brasil e no exterior, que envolvem a experiência do idoso em um ambiente museal, nos estimulou a desenvolver esse trabalho focando na capacidade evocatória que esses espaços possam ter em um público de terceira idade.

Metodologia

Narrativa é uma forma universal encontrada em todas as culturas, através das quais as pessoas expressam suas percepções, sua visão de mundo, as maneiras de interpretar os acontecimentos e também os conflitos que vivem. De acordo com Langdon (1994) as narrativas sempre foram consideradas como a principal expressão usada pelas pessoas para contarem suas sagas coletivas ou individuais (conquistas, derrotas, dramas pessoais, alegrias, aflições).

Utilizamos nesse trabalho o método da entrevista narrativa sistematizada por Schütze (1977; 1983; 1992, p. 90-113), onde buscamos estimular o entrevistado por meio de diálogos, a contar uma história sobre algum acontecimento/momento importante de sua vida, tomando o próprio contar e escutar histórias como método para conseguirmos nossos objetivos. A partir do momento que o nosso entrevistado começou a contar sua história, o fluxo da narração foi sustentado por ele próprio. Subentendemos que deste modo, a perspectiva do entrevistado foi melhor revelada, oportunizando que ele utilizasse sua própria linguagem de forma espontânea.

A principal característica desse método é a exploração de narrativas "improvisadas", isto é, relatos que o entrevistado produz sem preparação e sem a interrupção do entrevistador. O entrevistador solicita que a pessoa conte sua história de vida a partir de um convite amplo e não diretivo e somente ao final, faz perguntas específicas.

Para a realização dessas entrevistas narrativas, realizamos os encontros no Museu de Biodiversidade do Cerrado, localizado no Parque Municipal Victório

Siquieroli em Uberlândia-MG. As coletas de memórias foram realizadas em dois domingos consecutivos no período da tarde no Parque Municipal Victório Siquieroli. A escolha do local se deve a riqueza do acervo que o Museu e parque possuem. As entrevistas foram gravadas em áudio. Após a coleta dos dados, houve a transcrição de todas as memórias evocadas no encontro, onde cada história contada foi analisada minuciosamente afim de encontrarmos elementos que sustentavam o fato de que o museu possui a capacidade evocatória de memórias.

Separei esse trabalho em três momentos: preparação, espera e encontro. Essas etapas foram fundamentais para o resultado desse projeto. Começando pela preparação individual e até mesmo a escolha do exato local onde a espera pelo encontro seria realizada. A preparação foi baseada não apenas em leituras referenciadas, que tinham como temas o envelhecer, o cuidado com o idoso e o sentimento nessa nova fase. O ponto chave foi a vivência pessoal que já tivera com meus avós, que motivaram a espera pelo encontro. Saber que encontraria uma diversidade de histórias cheias de sabedoria e tradições, embalaram a ansiedade do que estava por vir.

Nas tardes que aconteceram os encontros a espera tomou conta junto com a ansiedade. O receio de não saber se iria cativá-los foi grande. Várias vezes ensaiei uma pequena apresentação que faria ao encontrá-los, mas ao mesmo tempo que queria fugir de um roteiro, me via apegada a essa prévia apresentação como uma forma de abordagem. Alguns mimos foram pensados, não somente para agradá-los, mas também como uma forma de utilizá-los para torná-los receptivos a emoções e lembranças, assim foi escolhido o bom e tradicional bolo de fubá. Enrolados em delicados papeis de seda e fitilhos amarelos, prontos para

revista Observatório

ISSN nº 2447-4266

Vol. 5, n. 5, Agosto. 2019

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2017v5n5p>

serem entregues. O esperar pela chegada dos participantes foi tensa e ao mesmo tempo alegre por saber que logo poderia estar ouvindo memórias já esquecidas.

Os encontros foram realizados na casinha de pau a pique. Vamos até lá? ³



³ Todas as fotos são de autoria própria.

revista Observatório

ISSN nº 2447-4266

Vol. 5, n. 5, Agosto. 2019

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2017v5n5p>



revista Observatório

ISSN nº 2447-4266

Vol. 5, n. 5, Agosto. 2019

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2017v5n5p>



revista Observatório

ISSN nº 2447-4266

Vol. 5, n. 5, Agosto. 2019

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2017v5n5p>



Como a casinha é um acervo que trata da história de um povo que presenciou essa época, o encontro nesse local poderia facilitar o relembrar dessas memórias.

Entre João, Antônia, Ângela, Jackson, Valdemar, Lucia, Kátia, Maria e Joana⁴ foram encontradas raridades e inspirações. Entre 55 e 70 anos ouvi grandes histórias, cada qual com suas peculiaridades e mimos. Entre o baixo e alto, a simplicidade e a pompa, e em vários tons, foram relatados momentos que acabavam se encontrando no passado. Independentemente de como se encontram hoje, as histórias se cruzam.

⁴ Foram utilizados nomes fictícios para os sujeitos.

Os momentos de prosa que tivemos⁵, foram momentos recheados de sentimentos. A memória de cada idoso trouxe consigo um sensibilizar, capaz de despertar a nostalgia mais gostosa de suas melhores épocas. Com risos e emoções as prosas foram se desenvolvendo, alguns mais extrovertidos adoravam lembrar e contar sobre como passara sua infância, outros já tímidos comentavam apenas da ligeira saudade que dava ao ir de encontro com a casinha. Uma palavra resume todos esses encontros: saudade.

A partir daqui, trago os relatos coletados em meio aos reboliços vivenciados e dialogados, um diário de memórias.

DIÁRIO DE MEMÓRIAS

Domingo - Valdemar, Lucia e Kátia

Valdemar: Estamos recordando (...) meu pai construiu uma casa dessa, com o esforço dele, ele e meu irmão mais velho, trabalhando e fazendo isso aqui, a casa de taipa (...) moramos nessa casa por muitos anos, meus irmãos mais do que eu, porque logo vim embora pro estado de Goiás. Nasceu 8 irmãos, 5 vivos e 3 morreu criancinha, naquela época era muito atrasado, não é igual hoje, não tinha o que tem, um passava mal chamava a parteira, que era a avó da minha esposa (...) fiquei muitos anos sem voltar lá, quando voltei eles tinham derrubado a casinha, só existia uma parede, naquela justa parede que existia lá, ainda tinha

⁵ As transcrições foram feitas de forma a respeitar a fala dos sujeitos da pesquisa, trazendo trechos em destaque para o texto.

um “armadozinho” de rede, que nos dormíamos na rede, éramos muito menino né, aí tava lá onde eu amarrava a minha redinha (...)

Valdemar: O piso era desse jeito, desse modelo, daí tinha que jogar um pouquinho de água para varrer pra não levantar aquele poeirão (...) mas ia furando, furando que ficava os buraco, ai pegava argila lá no terreiro e socava, punha, até ficar lisinho de novo, isso pra quem era cuidadoso né, quem não era ficava caindo dentro do buraco (...) isso é verdade, não to aumentando não, eu conto, mas não aumento, só invento (...)

Valdemar: Hoje estávamos falando, era uma vida sofrida de um lado, mas de outra tinha a liberdade, era muito difícil, agora mesmo reunido lá na minha casa (...) estávamos conversando, era uma vida muito sofrida mesmo, meu pai e meu irmão mais velho trabalhavam três dias pra casa e três pra comprar o de comida pra família e hoje graças a deus você vê a fatura de alimento e o tanto que nós mesmos que passamos necessidade desperdiçamos, nós sabemos que estamos desperdiçando (...) se a gente tivesse aquela vida, aquela época se fosse hoje nós não desperdiçaríamos nem um grão de arroz.

Valdemar: A minha vida foi assim até a adolescência, o povo fica falando adolescência, aborrecência, mas eu não tive adolescência, já nasci e sete anos comecei a trabalhar com meu pai, nove anos eu já trabalhava muito, então eu não soube o que era adolescência. Hoje eu tenho neto que “ahh” ta na adolescência (...) é frescura e muita frescura.

Valdemar: O primeiro conselho que eu dou para os meus netos e para os meus bisnetos é ser e ter a mesma natureza, a mesma criação que eu tive dos meus pais e que eles seguissem aquilo que eu segui (...) nada mais.

Lucia: Um das coisas que a gente tem que ter é educação, mas educação não é aquela que a gente pega lá no banco da escola e da faculdade não, é a que o pai, a mãe, os padrinhos, avós, passam pra gente.

Kátia: Eu tenho uma netinha de dez anos (...) sou avó até nova, mas eu lembro com carinho da minha vó, vou lembrando aqui do meu pai, da minha vó, não tenho eles mais em vida, cada coisinha que a gente vê, nossa meu pai gostava disso, minha avó daquilo (...) é a memória, a casinha dos meus avós era assim, em chão batido (...) a minha neta, eu falo pra ela, Milena você não passa um terço do que eu passei, a memória que eu tenho você não tem (...) hoje em dia é whatsapp, computador e eu queria resgatar isso na minha neta. Quando eu trago ela, falo Milena isso aqui a vovó participou disso aqui tudo, é como se você tivesse vendo o que a vovó viveu, é muito importante. (...). As crianças não têm a experiência que passei, então pra montar essa memória você realmente tem que escutar as pessoas que já viveram, vivenciaram essa história.

Valdemar: Eu tirei muito barbeiro da minha casa, as vezes levantava o colchão de milho, lá tava cheio deles, aí usava uma bombinha com veneno dentro, com nome de folidol, batia e matava eles (...) mas graças a deus nenhum pegou chagas, fizemos exames de sangue e nenhum acusou.

Domingo - Maria

Maria: Estou encantada, é lindo, isso daqui é do meu tempo (...) é um sonho ta aqui dentro (...) é muito lindo (...) as crianças não sabem o que é isso (...) a gente era feliz e não sabia (...). Na minha época, eu mesmo falo pra minha neta, não existia esses namoros que hoje ta comum, assanhado, eu falo pra ela, porque eu

crio ela, eu falo que quero fazer igual no meu tempo (...) tem muita coisa que mudou hoje, os outros ainda falam...ihs pode esperar que ela não vai aceitar o que a senhora foi do tempo passado não.

Maria: Meu esposo, eu to com 41 anos de casamento com ele, quando eu conheci ele, ele morava em uma casa de adobro, adobro não é igual essa aqui não (...) ela é feita de tijolo, faz os tijolos quadradinhos de barro (...) aí como eu ia casar mais ele, ele não me queria levar pra casa de chão e nem a de adobro, aí ele desmanchou e fez uma de tijolo assim, simplesinha, mas ele não quis levar eu pro chão batido não, ele e o pai dele.

Maria: Pela minha idade que eu tenho hoje, eu já presenciei muita coisa na vida, muita história (...) engraçado que hoje eu vou na fazenda dos meus tios, que tem muita casinha ruim ainda nas fazendas né, um tempo pra trás eu passei lá, os meus tios de geração antiga já faleceram e os filhos deles, os netos estão abandonando a roça, estão tudo indo pra cidade (...) eu andei tirando umas foto na fazenda do meu tio, porque eles estão abandonando e as casas estão virando aquele taperão (...) mas meu coração doeu de ver, porque sabe, os antigos vão falecendo e os mais novos não querem a tradição, não quer morar em roça mais, uma que está perigoso, perigoso ladrão, daí o povo não ta querendo mais e outra que o povo está querendo trem chique, coisas boas né (...)

Maria: Eu entrei aqui (...) e parece que assim, bateu no meu coração, pelos anos que eu já tenho visto como que era né (...) nossa senhora. (...). Minha mãe criou treze filhos na roça, com parteira (...) tudo parto normal, mãe de treze (...) eu era gêmea, morreu minha companheira, minha mãe teve três cria gêmeas (...) meu

pai morreu novo, deixou a gente tudo pequeno. (...). Minha irmã mais velha conta que onde a gente morava, vinha até cobra, nessas casas de pau a pique (...).

Domingo - Joana

Joana: Eu acho que tem que ter essas coisas aí mesmo (casinha), pra mostrar como era a vida que a gente tinha antigamente, claro que não eram todos, as pessoas que moravam em fazenda mesmo e eu acho que se tem uma casinha dessas e eles veem, eles vão dar muito mais valor no conforto que eles tem hoje, eu acho que eles tem que ter essa memória, ver isso aí, tem que conhecer o passado né. (...). Eu acho que é muito válido, muito boa a ideia.

Joana: Era tudo isso mesmo, essa cerquinha com esses bambu (...) a vassoura que varria esse chão era feita de coqueirinho, não se comprava nada né (...) tudo fazia (...) meu filho tava perguntando, e o lixo como que era? Não existia lixo, era só casca, não tinha embalagem (...) tudo virava adubo, não tinha muito preconceito, chupava melancia e jogava a casca no quintal e depois ela secava varria e punha no pé da planta pra virar adubo. (...). Eu achei ótimo vim aqui, voltar as minhas raízes.

Domingo - Ângela

Ângela: A gente ia na cidade trazia revista e jornal, pregava com grude pra ficar bem bonita as paredes, com os artistas da época...

Ângela: A escova de lavar roupa era o sabugo de milho, a gente pegava o sabugo e dava uma sapecada no fogo quente, bem rápido pra ele ficar duro, aí a gente lavava a roupa dos peão, dos boiadeiro tudo com sabugo, fervia as roupa branca (...) Lavava no rio, nas bacias, quem tinha um córrego, um riacho mais perto. Era

gostoso lavar as roupas porque ali tínhamos uma cantoria com as senhoras (...) quando tava na época da seca, aquele calorção, reunia as senhoras com as crianças, pegavam garrada d'água, as flores e iam lá pro alto da montanha onde rezavam terços e cantarolavam. Quando voltavam para casa, já vinha debaixo de chuva, hoje em dia não existe mais esses milagres (...) era uma tradição muito bonita, a partir do momento que estávamos ali, já ia formando as nuvens no alto da fazenda, e quando descíamos para a casa já descia debaixo de chuva e ninguém corria (...) era uma fé viva, os homens rezavam terço a noite...

Ângela: Outra hora se reuniam ali na porta das casas e ali com uma viola, um pandeiro e de repente já fazia uma festa, as crianças começavam a dançar, as senhoras e os homens ficavam ali em volta de uma fogueira. Mas nessas casinhas assim, fresquinhas...

Ângela: Às vezes meu pai com um violão e o outro vizinho com o cavaquinho, um pandeiro, já faziam uma festa, aí já logo as senhoras iam no poleiro pegavam um frango e já faziam ali aquela comida, geralmente tinha um doce na lata, uma carne guardada no porco (...) juntava todo mundo e era aquela união (...) era tudo muito harmonioso, tudo muito bom. E hoje muitas vezes já perdemos isso, já veio todo mundo pra cidade pra procurar melhoras.

Ângela: Primeiro lugar que eu tenho hoje com os meus netos e creio que a boa cultura para que venha ter verdadeiramente uma boa educação, daquela que a gente fala que saiu de casa, do berço, do lar é a educação e o respeito. Chegou um mais velho, quem é geralmente da tradição toma benção, vai sair toma benção, quando um ta falando o outro ouve. Então aquela boa educação e o respeito de já chegar e cumprimentar, nunca sair de qualquer maneira (...) muitas das vezes aqueles mais velhos são criados daquela maneira que quando chegava

na casa de uma pessoa o pai e a mãe olhasse...pronto, hoje em dia já não é tão assim, mas dentro de uma boa conversa você já consegue. Hoje tenho meus netos e sou super liberal, de brincar no chão, vovó e tal, mas quando vovó fala um no dois já tá...entendeu (...) não sou de bater, mas é você olhar, falar e a criança já entender que você ta falando, saber que ali ta falando uma pessoa que é autoridade. (...) a partir do momento que uma criança já sabe chegar em um mais velho e tomar benção mesmo que não tenha nem laço de sangue, já é um ponto pra saber que a educação vem daqui pra lá.

Domingo - João e Antônia

João: Recordação é de infância mesmo, você vê o lugar e voltar no passado, vê o jeito que a gente morava. A simplicidade remete a gente a coisa muito boa, o simples é mais gostoso que o moderno (...) quando eu me deparo com isso aqui eu me encanto, fico encantado, não penso, nossa eu vivi em um lugar ruim desse? Não, fico admirado.

Antônia: Antigamente era uma casinha né, mas era tão bom, lembranças boas, que valem a pena lembrar (...) eu deitada em uma rede, aquelas preguiçosas, daquelas que a mãe trazia o prato na rede, vida de princesa (...) tempos que não voltam mais.

Antônia: As crianças hoje vão atrás de parque, antigamente brincávamos com boneca de pano que minha vó fazia, panelinha de barro, brincava de cozinhar, só que hoje é muito diferente, a modernidade, é facebook, é não sei o que, tudo mais de uma geração, ele nem liga pra isso (...) não pode deixar perder as origens.

Domingo, 08 de novembro de 2015 - Jackson

Jackson: Quando eu vi a casinha não tive uma lembrança muito boa, lembrei de quando era criança, que tinha 4 anos de idade e ficou até meio traumático, foi uma onça, a gente olhava pelas frestas e víamos a onça lá de fora rugindo, querendo pegar um de nós. Éramos três pessoas na casa esse dia e quando eu vi a casinha foi a primeira lembrança que me trouxe (...) morava no mato, meu pai tocava lavoura (...) ela era pintada e grande, daí minha mãe esmurrou a porta com pilão.

As memórias evocadas

As memórias evocadas durante os encontros perpassam por vários aspectos vividos por eles. Dentre essas vivências, nos deparamos principalmente com a importância e significação da valorização das histórias, do que já foi vivido. Uma forte tradição, que hoje já se enxerga perdida por eles. Uma tradição desencantada aos olhos dos jovens.

Porém o encantar dessa tradição se refaz com o ir de encontro com a casinha de pau-a-pique. É o que Bakhtin (2010, p. 87) nos revela com uma de seus conceitos, o Tom emotivo-volitivo, que possibilita por meio das bagagens e singularidades já vividas por esses sujeitos, o olhar para a casinha como algo belo. Como algo que cativa e enche os olhos de significados. O que para o outro não é belo, não lhe afeiçoa, para o outro emotiva. Se faz com afeto e lembranças. Possibilitando o contar das memórias.

No meio dessas tradições, nos deparamos com alguns pontos. Como as festividades, a fé, a arte e a música que se tinha nos encontros de fim de tarde. A "fé viva" que antes se tinha tão presente nas casas, hoje já foi se tornando algo

mais restrito aos mais velhos e as poucas famílias que mantem a cultura de transmitir essa espiritualidade aos mais jovens. Na arte e na música o riso e a alegria se encontravam, onde se fazia o cômico bufo, como descrito por Bakhtin em uma de suas obras, *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento – O contexto de François Rabelais*. O cômico bufo, é um riso direto, ingênuo, que se faz na espontaneidade, na alegria do momento. O sorrir se faz na liberdade, como a liberdade se faz no sorrir.

A educação como formação, como parte do essencial para o ser humano, também foi percebida entre as prosas. O respeitar as antigas gerações, o reconhecer o outro como parte primordial para o se constituir, o se construir como pessoa que nos transforma. É o que podemos chamar de alteridade. Novamente Bakhtin nos delicia com mais um de seus pensamentos. “O outro está continuamente nos acabando” (BAKHTIN, 2000, p. 14). Ou seja, para ele, o eu só existe numa relação com o outro. Eu só me faço, pelo outro e com o outro. É uma troca. Percepção que nas memórias o outro está sempre presente.

Assim também é com a palavra. “A palavra é o modo mais puro e sensível de relação social” (BAKHTIN, 1999, p. 36). É por meio dela que compartilhamos, sensibilizamos. É importante compreendermos as palavras, não apenas suas duras definições, mas o real significado que trazem consigo. Bakhtin (1999, p. 132) diz: “reagimos àquelas que despertam em nós ressonâncias ideológicas ou concernentes à vida”. Aquelas que nos tocam, que carregam juntamente consigo memórias.

As palavras evocadas durante o compartilhar, somente foram possíveis por encontrarem um interlocutor. Por terem uma contrapalavra. As palavras precisam encontrar eco no seu interlocutor.

Reforça Bakhtin;

Compreender a enunciação de outrem significa orientar-se em relação a ela, encontrar o seu lugar adequado no contexto correspondente. A cada palavra da enunciação que estamos em processo de compreender, fazemos corresponder uma série de palavras nossas, formando uma réplica. Quanto mais numerosas e substanciais forem, mais profunda e real é a nossa compreensão...A compreensão é uma forma de diálogo; ela está para a enunciação assim como uma réplica está para a outra no diálogo. Compreender é opor à palavra do locutor uma contrapalavra (BAKHTIN, 1999, p. 131-132).

A necessidade de termos o outro se faz importante. O encontrar interlocutores para nos ouvir e também para compartilharmos contempla o viver. É quando memórias ressignificam a vida. Quando questionado se experiências em museus possuem a capacidade de evocar lembranças em um público de terceira idade? Digo que sim, mas não somente evocá-las, mas sim ressignificá-las, para o outro e para quem as escuta. Ganhamos um remodelar a cada palavra compartilhada, a cada memória evocada.

Considerações finais

Os encontros na casinha de pau-a-pique nos mostram a potencialidade que artefatos museais e museus possuem em evocar lembranças em um público de terceira idade. Memórias que esbarram em reflexões profundas sobre os contrastes vividos no ontem e no hoje foram evocadas. Memórias de afetos, de alegria, de encontros, de histórias. Daquilo que só existe no interno, carregado de emoções.

Ao contrário do que o envelhecimento possa aparentar, como o esquecimento e a ausência de cores, esses momentos reforçam a vida existente em cada idoso. O pulsar de experiências latentes. E os gracejos da partilha. Que

acontecem na arte do encontro. Encontros possibilitados e encontrados entre paredes museais.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN. M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- BAKHTIN. M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 9. Ed. São Paulo: Hucitec, p. 36. 1999.
- BAKHTIN. M. **Para uma filosofia do ato responsável**. Tradução aos cuidados de Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco. São Carlos: Pedro & João, p.87. 2010.
- BOSI, E. **Memória e Sociedade: lembrança de velhos**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, (2ªed.); 1987.
- FERREIRA. M. H. **Idoso institucionalizado: um estudo interpretativo das histórias de vida** [tese]. São Paulo: Escola de Enfermagem, Universidade de São Paulo; 1999.
- GONÇALVES, J. R. S. **Antropologia dos objetos: Coleções, Museus, Patrimônios**. Rio de Janeiro: (Coleção Museu, Memória e Cidadania); p. 27-28. 2007.
- UKÖPTCKE. L. S. **Analisando a dinâmica da relação museu-educação formal**. Valente. M. E. A; Köptcke. L.S; Marandino. M; Heizer. A; Barros. S. S; Chagas. M.; Cury. M.X; Queiroz. G. P.; Machado. M.I.S. Caderno do Museu da Vida. O formal e o não-formal na dimensão educativa do museu. Museu da vida, COC, FIOCRUZ. Rio de Janeiro. Pag 16-25. 2002.

LANGDON, E. J. M. **A negociação do oculto: xamanismo, família e medicina entre os Siona no contexto pluri-étnico.** [tese]. Florianópolis (SC): Departamento de Antropologia/ UFSC; 1994.

MAIRESSE, D.; FONSECA, T.M.G. **Dizer, escutar, escrever: redes de tradução impressas na arte de cartografar.** Revista Psicologia em Estudo, vol 7, nº2, p. 114. 2002. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1413-73722002000200013>

NORA, P. **Entre história e memória. A problemática dos lugares.** Projeto História, São Paulo: PUC, vol.10, n. 10, p. 7-28, dez/1993.

PAPALÉU-NETTO, M.; PONTE, JR. **Envelhecimento: desafio na transição do século.** In: Papaléu-Netto M, Ponte JR; Leme LEG, Paschoal SMP, Borgonovi N, Mercadante E, et al. Gerontologia: a velhice e o envelhecimento em visão globalizada. São Paulo: Atheneu; p. 3- 19. 2002.

SCHUTZE, F. **Narrative Repraesentation kollektiver Schicksalsbetroffenheit.** (1983) apud BAUER, Martin; GASKELL, George. Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático. Petrópolis, RJ: Vozes, p. 90-113. 2002.

SCHUTZE, F. **Die Technik des Narrativen Interviews in Interaktionsfeldstudien.** (1977) apud BAUER, Martin; GASKELL, George. Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático. Petrópolis, RJ: Vozes, p. 90-113. 2002.

SCHUTZE, F. **Pressure and Guilt: War Experiences of a Young German Soldier and their Biographical Implications.** (1992) apud BAUER, Martin; GASKELL, George. Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático. Petrópolis, RJ: Vozes, p. 90-113. 2002. DOI: <https://doi.org/10.1177/026858092007003006>



revista Observatório

ISSN nº 2447-4266

Vol. 5, n. 5, Agosto. 2019

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2017v5n5p>

TEIXEIRA. INAO.; NÉRI. AL. **A fragilidade no envelhecimento: fenômeno multidimensional, multideterminado e evolutivo.** In: Freitas EV, Py L, Cançado FAX, Doll J, Gorzoni ML. Tratado de geriatria e gerontologia. 2ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan; p. 32-77. 2006.